Lágrimas de Orvalho

Sozinha. Parada. Vazia.

Naquela noite, a rua estava fria e escura. Nenhum ruído depois das nove e meia, exceto o barulho da chuva que finalmente chegava ao sertão com seus fortes ventos misturado ao som do escapamento do ônibus que acabava de partir com os últimos alunos da escola. É certo que a água que caía era muita e forte, mas quem sabe ela já não estivesse viva?

Morreu. Foi triste vê-la no dia seguinte jogada na calçada da escola. As pessoas -futilidades ambulantes- fingiram não notar o seu estado, que era crítico.

Comecei a ficar inquieta com aquele caso. Os boatos já haviam corrido a cidade inteira - o que não é muito difícil, uma vez que é bem pequena- e mesmo assim a polícia não tinha aparecido e interditado o local. Estava claro que ninguém ligava, a tomar pelo fato que apenas eu e alguns colegas a fitavam.

Alguns dias depois, a única providência fora retirar o corpo da rua. As pessoas continuavam sem dar importância e ninguém se interessou em saber quem havia cometido o crime. Fiquei indignada com aquela cena e resolvi que seria eu mesma a descobrir o que se passara naquela noite. As hipóteses surgiram-me logo em seguida: na noite do assassinato, o assassino vendo-a sozinha em uma rua escura e esquisita, pegou o machado que possuía e vindo por trás da vítima, deu golpes em seu tronco até que não restassem dúvidas de sua ida para o além.

Depois, fugiu sem deixar rastros. Uma ideia que poderia ser verdade, exceto pelo fato que ela faria barulho e acordaria os moradores locais. Ou talvez ela estivesse tomando banho de chuva quando foi atingida por um raio que a fez cair e morrer logo em seguida, o que justificaria seu “sangue” derramado. Exceto pelo fato que ela faria barulho e acordaria os moradores locais. Em uma terceira hipótese, ela estaria passando por uma noite ruim, quando resolveu fugir da escola. O vento foi tão forte que a jogou contra a parede e ela morreu imediatamente. Exceto pelo fato que isso não faz o menor sentido.

Depois de muito tempo pensando, minha cabeça já doía e nada fazia sentido. Sem contar que a falta de interesse das pessoas estava me deixando indignada. Não era qualquer árvore, era a flamboyant. A nossa flamboyant !  Aquela que sempre emprestou sua sombra enquanto o sinal não tocava, a que deixava a molecada brincar com suas vagens como se fossem espadas, a que enfeitava a frente da escola com sua copa vermelha!   Em que momento as pessoas começaram a ficar tão frias?

 E foi aí que eu percebi.

A assassina sou eu.

Os assassinos somos todos nós.

Não por uma ação cometida em sigilo, mas por uma não ação cometida em conjunto. Nunca a demos a atenção que merecia, e isso não aconteceu só com ela. As vítimas são todas as árvores, que assim como aquela centenária Flamboyant, morrem todos os dias nos arredores da cidade. Morrem de desgosto, pois ninguém se importa. Morrem, de fato, por causa da seca. Seca de cuidados.

 Agora só me resta torcer para que a próxima árvore não esteja lá:

Sozinha. Parada. Vazia.

Karla Beatriz